

## BEHAVIORISMO RADICAL E REALISMO SERÃO MESMO INCOMPATÍVEIS? EXAMINANDO A VIABILIDADE DE UMA PROPOSTA REALISTA

Marcus Vinícius Matos Escobar

(Curso de Psicologia da Faculdade de Saúde Ibituruna)

Leonardo Lana de Carvalho

(Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, Diamantina - MG)

### Resumo

Cultiva-se no behaviorismo radical, certa tendência em rejeitar o realismo em todas as suas variantes. Não obstante, o objetivo do presente trabalho é providenciar uma defesa à admissão de um realismo ontológico pelo behaviorismo radical. A argumentação se desdobrará em três momentos: 1) Expondo o fundamento do impasse entre behaviorismo radical e realismo com referência ao pragmatismo e ao dualismo; 2) dissuadindo a premissa de que realismo e pragmatismo são necessariamente autoexcludentes e; 3) defendendo a legitimidade de uma ontologia monista fisicalista para o behaviorismo radical, mostrando que o fisicalismo é em sua essência uma ontologia realista, sendo o dualismo (o mentalismo dualista) um apêndice descartável ao realismo.

*Palavras chave:* behaviorismo radical; realismo; dualismo; pragmatismo.

### Abstract

#### **Radical behaviorism and realism, are they really incompatible? Examining the feasibility of a realistic standpoint**

There is in radical behaviorism a certain tendency to reject realism in all its variants. Nevertheless, the objective of this study is to provide a defense to the admission of ontological realism by radical behaviorism. The argument unfolds in three parts: 1) Exposing the foundation of the standoff between radical behaviorism and realism, with reference to pragmatism and to dualism, 2) discouraging the premise that argue realism and pragmatism like necessarily self-excludent and 3) defending the legitimacy of a monistic physicalist ontology for radical behaviorism, showing that physicalism is essentially a realist ontology and dualism (dualist mentalism) a disposable appendix to the realism.

*Keywords:* radical behaviorism; realism; dualism; pragmatism.

#### **A Rejeição do Realismo<sup>1</sup> Pelas Vias do**

#### **Dualismo e do Pragmatismo**

Ainda que não seja tema incontroverso, é comumente aceito que a filosofia da ciência de B. F. Skinner, o behaviorismo radical, alinha-se ao

pragmatismo, compartilhando com este a visão de mundo, de homem e de conhecimento, ainda que, como afirma Bjork (1993), Skinner jamais tenha dito ser signatário do pragmatismo. Segundo Tourinho “pode-se dizer que as noções de conhecimento e de verdade elaboradas por Skinner estão muito mais próximas do pragmatismo do que de qualquer outro movimento filosófico nos séculos XIX e XX.” (Tourinho, 2003, p. 34). O pragmatismo ao abandonar a dicotomia representação-versus-realidade que historicamente circunda as reflexões realistas, dicotomia esta que em seu cerne guardaria o germe de uma metafísica dualista, inaugura uma nova maneira de abordar a experiência humana bem como o modo como o agente humano origina sua mente e seu conhecimento a partir dessa mesma experiência no mundo. Regido pelo pragmatismo, o behaviorismo radical funda por sua vez uma proposta filosófica controversa na psicologia, a qual se pode entender como um tipo de antimentalismo, que de um modo geral, seria o antidualismo<sup>2</sup> na psicologia, o que se confirma na afirmação de Baum (1999) segundo a qual; “O Behaviorismo Radical (...) rejeita o dualismo entre mundo interior e mundo exterior. Em vez disso, considera que a análise do comportamento lida com um só mundo e o comportamento a ser

encontrado nesse mesmo mundo”. (Baum, 1999, p. 43)<sup>3</sup>

O mentalismo criticado pelo Behaviorismo Radical, cujo alicerce não é senão o dualismo, ou quiçá, seja ele próprio visto como o dualismo transfigurado, é exaustivamente repellido pela crítica skinneriana sob o ônus de ser o mais proeminente, talvez o único empecilho à fundação de uma ciência natural do comportamento. Conforme Skinner; “O mentalismo, ao oferecer uma aparente explicação alternativa, mantinha a atenção afastada dos acontecimentos externos antecedentes que poderiam explicar o comportamento” (Skinner, 1974, p. 13-14) e que “as explicações mentalistas acalmam a curiosidade e paralisam a pesquisa” (Skinner, 1993, p.17). Retomando argumentos clássicos e ainda pertinentes, indaga Skinner:

Mas onde estão esses sentimentos e estados mentais? De que material são feitos? A resposta tradicional é que estão situados num mundo que não possui dimensões físicas chamado mente. Como pode um fato mental causar ou ser causado por um fato físico? (Skinner, 1974, p.14)

A objeção de Skinner ao mentalismo requer um abandono da ideia de entidades mentais (“ficções explanatórias”, como se costuma dizer) operando misteriosamente e causando o

## BEHAVIORISMO RADICAL E REALISMO SERÃO MESMO INCOMPATÍVEIS? EXAMINANDO A VIABILIDADE DE UMA PROPOSTA REALISTA

comportamento a partir de um “lugar” não físico. No cerne desse modelo explanatório confuso e pouco parcimonioso estaria uma ontologia dualista que pouco ajudaria na explicação do comportamento, aliás, só poderia produzir confusão. Assim, de acordo com Baum:

A objeção dos behavioristas radicais ao mentalismo é, na realidade uma objeção ao dualismo, isto é à idéia de que dois tipos de existência, material e não material, ou dois tipos de termos, referentes ao material e ao não material são necessários para uma compreensão total do comportamento. Todas as ciências, não apenas a análise do comportamento, rejeitam o dualismo porque causa confusão e é antieconômico. (Baum, 1999, p. 43)

A objeção ao dualismo-mentalismo parece justificada, levando-se em consideração a proposta filosófica trazida pelo pragmatismo ao behaviorismo radical. Valendo-se dessa objeção como alicerce, constituiu-se em alguns círculos behavioristas a premissa de que o “antidualismo” implicaria também em “antirealismo”. Isto se deve em boa medida ao fato de que essa tendência também é aventada no pensamento pragmatista. Tourinho (1994) afirma que o pragmatismo é “uma doutrina antirepresentacionista, o que significa colocá-lo no campo da crítica às intenções cartesianas (ou platônicas) de conhecer a realidade em si mesma”<sup>4</sup>. Rorty fomenta essa noção sustentando que

para o pragmatismo, “a noção de ‘representação exata’ é somente um cumprimento automático e vazio que nós prestamos às convicções que conseguimos ajudar-nos a fazer o que queremos” (Rorty, 1988, p. 20).<sup>5</sup> Outros perpetram essa noção no âmbito do behaviorismo afirmando que Skinner define enquanto pressupostos de sua filosofia o “monismo (e anti-mentalismo), contextualismo e pragmatismo (e anti-realismo e anti-representacionismo).” (Borloti & Saqueto, 2008, p. 49). Isto reforça a sugestão de que existem relações de afiliação e de oposição entre certas doutrinas e pressupostos, formando agregados ou eixos como o monista-pragmatista em contraponto a outro realista-representacionista-mentalista, sendo este o eixo dualista.

Segundo Bouyer “o pragmatismo adota uma atitude antidualista (...)” (Bouyer, 2010, p. 165). O autor também afirma que “o pragmatismo combate os dualismos, em destaque, para o dualismo mente-corpo” (Bouyer, 2010, p. 172) e completa garantindo que “a virada pragmática propõe uma compreensão anti-realista do conhecimento, sobretudo no tocante ao realismo representativo” (Bouyer, 2010, p. 176). Um raciocínio parecido é encontrado em Baum segundo o qual; “Os Behavioristas radicais preferem o pragmatismo ao realismo porque o

segundo leva a uma visão dualista das pessoas, que é incompatível com a ciência do comportamento.” (Baum, 1999, p.43). Ao explorar o contraponto entre as vertentes radical e metodológica no behaviorismo em torno dessa questão Baum também afirma que;

Uma versão inicial, chamada behaviorismo metodológico, baseava-se no realismo, visão segundo a qual toda experiência é causada por um mundo objetivo e real, exterior e separado do mundo subjetivo e interno [...] Uma versão posterior do behaviorismo, denominada behaviorismo radical, baseia-se mais no pragmatismo do que no realismo. Quem não entender essa diferença provavelmente terá dificuldade em compreender o aspecto fundamental do behaviorismo radical, que é a rejeição do mentalismo. (Baum, 1999, p.15)

Em vista dessas considerações, percebe-se que há uma aguda tendência, não rara, perpetrada no behaviorismo radical, que consiste em sustentar a premissa de que realismo e dualismo guardam uma relação que lhes é intrínseca, o que à luz de uma orientação pragmatista, seria no mínimo problemática. A tensão entre behaviorismo metodológico e radical que aparece na afirmação supracitada parece exprimir bem a ideia comum entre behavioristas radicais de que o fundamento do mentalismo e de igual modo do dualismo jaz na afiliação ao realismo.

Assim sendo, seria por ser realista que o behaviorismo metodológico culmina num dualismo, ao passo que a preferência pelo pragmatismo por parte da vertente radical, justificaria a rejeição àqueles pressupostos. Se isso é verdade então se faz justificada a ruptura do behaviorismo radical em relação ao seu predecessor metodológico<sup>6</sup> e por conseguinte com o realismo.

Delineando de um modo geral toda essa tendência de raciocínio aludida até aqui, de algum modo existiria uma relação inextrincável entre realismo e dualismo e que por tal razão o behaviorismo radical precisaria rechaçar ambas. Sobretudo em virtude de sua orientação pragmatista. Assim, uma vez que o behaviorismo radical é no âmbito da psicologia a antítese do mentalismo, cujo alicerce é o dualismo, seja ele de substâncias ou de propriedades, e se o realismo é essencialmente dualista como se supõe, ao behaviorismo radical, parece de todo legítimo abandoná-lo. Todavia não há bases consistentes para afirmar que o realismo leva necessariamente ao dualismo. Este é o ponto a ser trabalhado aqui.

### **Dissuadindo a Incompatibilidade Entre Realismo e Pragmatismo**

## BEHAVIORISMO RADICAL E REALISMO SERÃO MESMO INCOMPATÍVEIS? EXAMINANDO A VIABILIDADE DE UMA PROPOSTA REALISTA

De acordo com Baum “o realismo é tão difundido na civilização ocidental que muitos o aceitam sem questionamento” (Baum, 1999, p. 34). Entretanto, cabe indagar se o realismo também não está sendo rejeitado sem questionamento por alguns autores. Que o pragmatismo e conseqüentemente o behaviorismo radical rejeitam o dualismo, a isto não se faz qualquer objeção. Todavia, supor que o fato de ser pragmatista seja suficiente para que o behaviorismo radical vete também o realismo, parece ser uma atitude precipitada. Para marcar bem essa ideia, tomemos a afirmação de Baum, já referida anteriormente, como exemplo paradigmático. Diz o autor: “Os Behavioristas radicais preferem o pragmatismo ao realismo porque o segundo leva a uma visão dualista das pessoas, que é incompatível com a ciência do comportamento.” (Baum, 1999, p. 43). Este ponto de vista parece sustentar uma disjunção em que; ou se é behaviorista radical (portanto um pragmatista) ou se é um realista (portanto um dualista).

O dualismo é com efeito incompatível com uma ciência do comportamento. O cientista do comportamento que endossa uma orientação behaviorista radical parece mesmo estar comprometido em algum nível com o pragmatismo. Isto contudo não

é essencialmente um posicionamento anti-realista e não o é precisamente porque além do realismo não ser essencialmente dualista, o pragmatismo não é fundamentalmente um anti-realismo. Conforme Marr “ao contrário do que pensa Baum, realismo e pragmatismo não têm de estar em desacordo. De fato, pode-se argumentar que o pragmatismo é de alguma forma parasitário do realismo.” (Marr, 2003, p. 185). Por sua vez Pogrebinschi assevera que “a filosofia pragmatista pode ser compreendida como realista” (Pogrebinschi, 2005, p.130) e que o realismo no qual autores antirealistas, tais como Rorty, se escoram para afirmar que o pragmatismo é antirealista “não é o mesmo com que os três primeiros pragmatistas se identificavam (por exemplo, o realismo escolástico no caso de Peirce e o realismo direto no caso de James)” (Pogrebinschi, 2005, p. 130).

No que se refere à suposta incompatibilidade realismo/pragmatismo, deixemos a palavra com Charles S. Peirce, o pioneiro do pragmatismo:

[...] realidade é aquele modo de ser em virtude do qual a coisa real é como ela é, sem consideração do que qualquer mente ou qualquer coleção definida de mentes possam representá-la ser (...) o real é aquilo que não é o que eventualmente dele pensamos, mas que permanece não afetado pelo que possamos dele pensar. (Peirce, 1931/1958, citado por Ibri, 1992, p. 25).

Esta passagem de Peirce é claramente realista, sobretudo na acepção ontológica do termo e mostra que optar pelo pragmatismo não significa a exclusão instintiva do realismo. De acordo com Haack o pragmatismo peirceano se assenta na premissa de que: “a verdade é a opinião na qual o método científico vai eventualmente se assentar, e uma vez que o método científico é condicionado pela realidade, a verdade é a correspondência com a realidade.” (Haack, 2002, p.141). A autora também acrescenta que no pragmatismo peirceano “o método científico (...) é o único entre os métodos de investigação a ser condicionado (constrained) por uma realidade que é independente do que qualquer um acredita.” (Haack, 2002, p. 141).

Percebe-se então que Peirce endossava uma definição de verdade por correspondência e que, não obstante ao seu pragmatismo, também era um realista. Em Peirce o pragmatismo é melhor entendido como um método ou procedimento intelectual para fornecer os critérios de “teste” semântico dos enunciados segundo as consequências experimentais de sua aplicação.<sup>7</sup> Assim, o pragmatismo peirceano opera não como condição de verdade, no sentido de fornecer uma definição para a mesma, mas deixa esse papel à teoria da verdade por

correspondência, a saber, uma teoria da verdade anuída pelo realismo.<sup>8</sup> “O que se procura, portanto, é um método que determine o significado real de qualquer conceito, doutrina, proposição, palavra ou outro signo” (Peirce, 1990, citado por Silva, 2008, p. 99-133). Deste modo, Peirce dá ao pragmatismo, um papel epistemológico e metodológico que é o de fornecer um critério de “teste de verdade”, enquanto deixa à teoria correspondencial da verdade e ao realismo o papel metafísico de fornecer a definição de verdade. Esse critério é o que se conhece pela alcunha de máxima pragmatista, segundo a qual “o significado de um conceito deve ser dado pela referência às consequências ‘práticas’ ou ‘experimentais’ de sua aplicação.” (Haack, 2002, p. 141).

Encarregar o pragmatismo de definir o que é verdade parece inadequado, posto que é no mínimo problemático reduzir verdade à “utilidade”. Consideremos o que diz William James<sup>9</sup>;

[...] qualquer idéia que nos permita navegar, por assim dizer; qualquer idéia que nos transporte com vantagem de qualquer parte de nossa experiência a qualquer outra, ligando as coisas satisfatoriamente, operando com segurança, simplificando, economizando trabalho; é verdadeira só por isso, é verdadeira nessa medida, é instrumentalmente verdadeira. (James, 1907, citado por Baum, 1999, p. 38).

## BEHAVIORISMO RADICAL E REALISMO SERÃO MESMO INCOMPATÍVEIS? EXAMINANDO A VIABILIDADE DE UMA PROPOSTA REALISTA

Ora, identificar verdade com o que é útil de se acreditar é inadequado, pois nem sempre o que é útil é, só por isso, verdadeiro. Portanto, ao que interessa aqui, não é razoável prescindir de uma distinção clara entre o pragmatismo enquanto método de “detecção” de verdades (critério de verdade) e enquanto teoria da verdade (definição de verdade), e de que, enquanto método, não há no pragmatismo nada o que depor contra o realismo.

Diante do que foi dito, torna-se fácil perceber que a suposta incompatibilidade entre a essência filosófica do pragmatismo (sua máxima) e o realismo, não se verifica. Um cientista do comportamento pode endossar o pragmatismo como método, isentando-se de aceitá-lo enquanto teoria da verdade. Além disso, uma vez que se reconhece uma pluralidade de pragmatismos (tal como no realismo), o que inclui pragmatismos realistas (ou vice-versa)<sup>10</sup>, é ainda discutível a questão acerca de qual variante, ou interpretação que se faz do pragmatismo, é a mais adequada para as ciências do comportamento. O que se mostra indevido ao behaviorismo radical é agir como se houvesse uma dicotomia, ignorando o fato de que realismo e pragmatismo são tradições ricas e plurais, constituídas de diversas alternativas e configurações, ou ainda se isentar de

distinguir que papel cabe ao pragmatismo dentro de uma ciência do comportamento, se como método e teoria da verdade ou se, disjuntamente, como método ou teoria da verdade.

### **Explorando a Viabilidade de Uma Interpretação Realista-Fisicalista<sup>11</sup>**

Como foi visto no primeiro tópico, cultiva-se em círculos behavioristas radicais certa tendência que pode ser expressa por uma disposição teórica em aglutinar indistintamente realismo e dualismo o que conduziria à rejeição do primeiro em virtude do segundo, justificando-se por vezes tal conduta sob a égide do pragmatismo. Essa tendência, contudo, parece extrapolar os limites da objeção ao dualismo.

Quanto à premissa de que entre realismo e pragmatismo existe necessariamente uma incompatibilidade, esta já se mostrou inconsistente, contudo, o que dizer da pretensa essência dualista do realismo? Mostrar que realismo e pragmatismo não são de fato incompatíveis por si só já fornece indícios de que tal ideia é irrefletida, pois se o dualismo é estranho ao pragmatismo e se este último pode ser conciliado ao realismo, então deve haver propostas de realismo que se desprendam do dualismo. Contudo, é importante que

isto seja abordado de maneira mais sistemática e explícita.

Em sua acepção ortodoxa, o realismo é acompanhado por um dualismo que fragmenta a continuidade entre experiência e mundo (ideia que encontra no pragmatismo sua antítese), engendrando duas ontologias distintas em sua natureza; *res cogitans* e *res extensa*. Não obstante, para o realismo, o dualismo de substâncias trata-se de um apêndice descartável, posto que o mesmo não é essencial ao realismo. A gênese desse problema está em se pensar que o dualismo se segue do realismo, quando o que ocorre é precisamente o contrário.

O dualismo pode ser representado por duas teses fundamentais: 1) a de que existem duas substâncias (ou dois mundos) distintas por natureza e; 2) uma substância é de natureza física, *res extensa*, e a outra de natureza mental, *res cogitans*.

A negação da primeira tese conduz invariavelmente ao monismo, no entanto sem especificar qual a natureza substancial do mundo (monismo neutro). E a negação de uma das constituintes da conjunção que compõe a segunda tese (o que implica na negação automática da primeira tese) deve conduzir ou ao monismo fisicalista ou ao monismo idealista. Ao se negar a conjunção, negando uma de suas componentes, a saber, a de que existe um

mundo mental, *res cogitans*, firma-se compromisso com a existência única e exclusiva do mundo natural, *res extensa* (e vice-versa). Em outros termos, uma ontologia realista se mantém ao mesmo tempo ou na medida em que se nega o dualismo. Isto por si só ratifica a independência do realismo em relação ao dualismo dado que a *res extensa* não é outro mundo senão o mundo objetivo, o qual se pode chamar de mundo real, já que a tese basilar do realismo é a de que existe um mundo objetivo, em outros termos, um mundo ontologicamente independente sendo este, o mundo físico. É este — o mundo físico e objetivo — o mundo real para o realismo.

Assim, o realismo ontológico — *res extensa* — enquanto tese auxiliar fundamental ao dualismo — já que sem ela o que resta é o idealismo — não implica o dualismo, mas este sim implica em realismo. Ao se assumir o dualismo necessariamente assumi-se um realismo, mas a implicação não é simétrica, visto que é possível assumir o realismo sem no entanto se comprometer com o dualismo. Com efeito, assumindo apenas a existência de uma substância, o resultado é a aceitação do monismo e na medida em que a substância eleita é a *res extensa*, ocorre o comprometimento com uma ontologia realista a qual se conhece pela alcunha de



## BEHAVIORISMO RADICAL E REALISMO SERÃO MESMO INCOMPATÍVEIS? EXAMINANDO A VIABILIDADE DE UMA PROPOSTA REALISTA

monismo fisicalista, ou simplesmente, fisicalismo<sup>12</sup>. Resta saber agora se essa ontologia fisicalista é compatível com o behaviorismo radical.

Uma vez que o behaviorismo radical é antidualista, deverá admitir apenas uma substância em sua ontologia. Mas qual? Admitir apenas a existência da substância mental nos conduziria à uma ontologia idealista (um monismo idealista) e nesse caso tal consequência parece definitivamente inadequada. Além do mais Skinner é categórico ao dizer que no behaviorismo radical; “Nenhum tipo especial de substância mental é pressuposta” (Skinner, 1974, p. 220). E fornece outros bons indícios a favor do fisicalismo. Diz o autor que as variáveis controladoras do comportamento “possuem um status físico” (Skinner, 2003)<sup>13</sup>, e que; “Observar uma pessoa se comportar [...] é como observar qualquer sistema físico ou biológico” (Skinner, 1956/1961d, p. 206). E completa:

O behaviorismo começa com a hipótese de que o mundo é feito de apenas um tipo de substância – lidada com muito sucesso pela física. [...] Os organismos fazem parte desse mundo, e os seus processos são, por esse motivo, processos físicos. (Skinner, 1967, p.325)

Skinner chega a afirmar que o que falta ao behaviorismo metodológico “[...] é

a corajosa e excitante hipótese behaviorista [radical] de que o que uma pessoa observa e fala sobre é sempre o mundo ‘real’ ou ‘físico’ (ou, ao menos, o ‘único’ mundo)” (Skinner, 1945/1961c, p. 284).

Nesses trechos Skinner deixa explícita a admissão do monismo, mas especificamente, do monismo fisicalista. Zilio reitera essa posição afirmando que para o behaviorismo radical “a partir de seu posicionamento naturalista, todos os fenômenos comportamentais devem ser necessariamente vistos como fenômenos físicos” (Zilio, 2010, p. 242) e que “com relação à natureza substancial do mundo, o behaviorismo radical é monista fisicalista.” (Zilio, 2010, p. 250), e completa: “O objeto de estudo do behaviorismo radical deve fazer parte do mundo natural, que é o mundo físico, o único mundo que existe.” (Zilio, 2010, p. 245).

De fato, todos os indícios sobre a importância da substância [física] sugerem que há no behaviorismo radical comprometimento com a ontologia substancialista; comprometimento que abarca a defesa da existência do mundo real como sendo o mundo físico e/ou o mundo natural. (Zilio, 2012, p. 115)

Lampreia (1992) assegura que uma das razões básicas pela qual Skinner rejeita o mentalismo-dualismo é a de que “os eventos privados são físicos ao contrário do que advoga o mentalismo tradicional.”

(Lampreia, 1992, p. 256). Desse modo, mesmo em relação aos aspectos subjetivos da experiência, aos quais Skinner denomina “eventos privados”, a situação permanece a mesma. Diz Skinner que “(...) os eventos observados através da introspecção são fisiológicos (todo comportamento é fisiológico)” (Skinner, 1979, p. 295) e que “minha dor de dente é tão física quanto minha máquina de escrever, embora não pública” (Skinner, 1945/1961c, p. 285). Assim, a diferença entre eventos públicos e privados (subjetivos) é apenas de perspectiva, sendo os últimos distinguidos “por sua acessibilidade limitada, mas não, pelo que sabemos, por qualquer estrutura ou natureza especiais” (Skinner, 1953, p. 281-282). E esta acessibilidade é limitada apenas na medida em que “parte do universo está encerrada dentro da própria pele do organismo (...)” (Skinner, 1953, p. 257).

Portanto, mesmo os eventos privados devem ser tomados como uma parte do mundo físico, pois o comportamento é um fenômeno mundano, constituído na relação entre partes do mesmo mundo. Em outros termos, entre organismo e ambiente, este último sendo definido como “qualquer evento no universo capaz de afetar o organismo” (Skinner, 1953, p. 257).

Quanto aos eventos que ocorrem naquela “parte do universo” que não se “encerra dentro da pele do organismo”, Skinner assevera que “não devemos pré-julgar esses eventos [físicos] a partir de seus efeitos sobre o organismo.” (Skinner, 1953, p.130). Desse modo, evita-se uma perspectiva solipsista ao se interpretar os eventos que afetam o organismo, abstendo-se de reduzi-los às impressões que estes podem incidir no agente que se comporta. Skinner também afirma que “deve haver propriedades definidoras tanto do lado do estímulo quanto da resposta; caso contrário, nossas classes não terão referência necessária aos aspectos reais do comportamento” (Skinner, 1935/1961b, p. 355). Para Zilio (2012) apesar de ser na relação comportamental que um estímulo se torna discriminativo, é graças às suas propriedades físicas que é possível concebê-lo como tal. Assim, a relação que define algo como um estímulo depende que este possua propriedades físicas.

Em vista dessas considerações, constata-se a viabilidade da admissão do fisicalismo pelo behaviorismo radical, o que culmina na confissão de uma ontologia realista, mesmo porque, as mesmas implicações perfazem as relações entre realismo e fisicalismo<sup>14</sup>. Ou seja, o fisicalismo depende do realismo para se constituir, posto que o mesmo compõe a

## BEHAVIORISMO RADICAL E REALISMO SERÃO MESMO INCOMPATÍVEIS? EXAMINANDO A VIABILIDADE DE UMA PROPOSTA REALISTA

tese basilar do fisicalismo que, segundo Stroud é a tese de que “o mundo físico é o único mundo que existe ou o único mundo que é real” (Stroud, 1987, p. 264)<sup>15</sup>. Assim sendo, o realismo ontológico é independente do fisicalismo enquanto o oposto não é verdadeiro. Portanto, se o fisicalismo é de fato e forçosamente um tipo de realismo, ao admiti-lo, o behaviorismo radical não pode isentar-se de se comprometer com o realismo em algum nível.

### **Considerações Finais**

Antes de concluir é importante esclarecer que não foi a intenção aqui especificar em que consiste a realidade última do mundo, tampouco argumentar que a posse de um conhecimento definitivo a esse respeito é imprescindível para se fazer ciência. De maneira que não é imprescindível aos behavioristas radicais o comprometimento com especulações últimas ou definitivas a respeito da natureza da realidade, sobretudo no que se refere a sua práxis científica, para o caso dos analistas do comportamento. Não obstante, é perfeitamente defensável algum tipo de realismo compatível com o behaviorismo radical, ressaltando que a defesa de tal perspectiva não culmina no abandono do pragmatismo. De modo

conclusivo, o behaviorismo radical pode seguramente agregar um realismo ontológico, de caráter monista e fisicalista e ainda assim manter-se coerente com certo pragmatismo.

Em suma, é legítima a atitude pragmatista do behaviorismo radical em rejeitar o dualismo que costuma acompanhar o realismo em sua acepção cartesiana. Também não se faz objeção aqui à adoção do pragmatismo enquanto método. Mas foi enfaticamente defendido que o behaviorismo radical não necessita prescindir de qualquer concepção realista uma vez que não existe incompatibilidade entre o pragmatismo e o realismo fisicalista. Tampouco é legítima a conjectura de que realismo e dualismo são indissolúveis ou que de alguma maneira formam uma única tese; o fisicalismo é evidência disto. Perpetuar tais indistinções é obstruir o desenvolvimento crítico-filosófico no âmbito da epistemologia e da ontologia das ciências psicológicas, o que não pode conduzir a outro fim senão o do simplismo teórico. A proposta que aqui se oferece ao behaviorismo radical, afinal, é a de um realismo despojado de qualquer resquício de uma metafísica dualista e para o qual experiência e realidade formam um continuum, onde a noção de mundo real designaria a instância total e concreta de onde os sujeitos cognoscentes, os sujeitos

que se comportam, derivam suas experiências, sendo esta instância, o mundo objetivo (real), o mundo físico. E isto, esse realismo, parece útil e perfeitamente compatível com o behaviorismo radical.

### Referências

Bjork, D. (1993). *B. F. Skinner: a life*. New York: Basic Books.

Borloti, E. & Sequeto, D. (2008). Hermenêutica Comportamental. In Silva, C. M. (Ed.). *Sobre comportamento e cognição: reflexões epistemológicas e conceituais, considerações metodológicas e relatos de pesquisa* (pp. 45-54). Santo André: Esetec.

Bouyer, G.C. (2010). Pragmatismo e cognição: self, mente, mundo e verdade na teoria pragmática do conhecimento. *Ciências & Cognição*, 15 (3), 164-179.

Baum, W. M. (1999). Compreender o Behaviorismo: Ciência, Comportamento e Cultura. Tradução de M. Silva et al. Porto Alegre: Artmed Editora. (Original published in 1994)

Crook, S. & Gillett, C. (2001). Why physics alone cannot define the ‘physical’: materialism, metaphysics, and the formulation of physicalism. *Canadian J. Philosophy*, 31, 333-360.

Haack, S. (1995). Vulgar pragmatism: an unedifying project. In H. J. Saatkamp (Ed.). *Rorty & Pragmatism. The philosopher responds to his critics*. Nashville: Vanderbilt University Press.

Haack, S. (1997). “We, pragmatists...”: Peirce and Rorty in Conversation. *Review*, LXIV (1), 91-107.

Haack, S. (2002). *Filosofia das lógicas*. São Paulo: Editora UNESP. Inwagen, P. (2002). *Metaphysics*. Westview Press. (Original published in 1993)

## BEHAVIORISMO RADICAL E REALISMO SERÃO MESMO INCOMPATÍVEIS? EXAMINANDO A VIABILIDADE DE UMA PROPOSTA REALISTA

Ibri, I. A. (1992). *Kósmos Noétos: A arquitetura Metafísica de Charles S. Peirce*. São Paulo: Perspectiva Hólon.

Kim, J. (2005). *Physicalism, or something near enough*. Princeton: Princeton University Press.

Lampreia, C. (1992). As propostas anti-mentalistas no desenvolvimento cognitivo: uma discussão de seus limites. 365 p. (Tese de doutorado em Psicologia Clínica apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio). PUC-Rio: Rio de Janeiro, 1992.

Lopes, C. E. (2007). O conceito de estímulo no behaviorismo radical: esboço de uma interpretação pragmatista. In Silva, W. C. M. P. (Ed.). *Sobre comportamento e cognição: reflexões teórico-conceituais e implicações para pesquisa*. (pp. 96-100). Santo André: Esetec.

Marr, M. J. (2003). The What, The How, And The Why: The Explanation of Ernst Mach. *Behavior and Philosophy*, 31, 181-192.

Nascimento, M. B. (2008). É Possível Um Realismo Pragmatista? Quine e o Naturalismo. *Cognitio-Estudos: Revista Eletrônica de Filosofia*, 5, 2008, p. 104-113. Retrieved in May 28, 2012, from <http://www.pucsp.br/pos/filosofia/pragmatismo>

Pogrebinschi, T. (2005). *Pragmatismo - Teoria Social e Política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Putnam, H. (1987). *The Many Faces of Realism*. Illinois: Open Court.

Putnam, H.(1990). *Realism with a Human Face*. Cambridge: Harvard University Press.

Rorty, R. (1988). *A Filosofia e o Espelho da Natureza*. Lisboa: Dom Quixote.

Russell, B. (1966). William James's conception truth. In Simon e Schuster. *Philosophical Essays* (pp. 112-130). New York: Simon and Shuster (Original published in 1908).

Silva, H. A. (2008). Pragmatismo, narrativas conflitantes e pluralismo. *Natal*, 15 (24), 99-133.

Skinner, B.F. (1938). *The Behavior of Organisms*. New York: Appleton-Century-Crofts.

Skinner, B. F. (1961a). *A Análise Operacional de Termos Psicológicos*. Appleton: New York. (Original published in 1945)

Skinner, B. F. (1961b). The generic nature of the concepts of stimulus and response. In B. F. Skinner (Ed.), *Cumulative record: a selection of papers* (2<sup>a</sup> ed., pp. 347-366). New York: Appleton-Century-Crofts. (Original published in 1935).

Skinner, B. F. (1961c). The operational analysis of psychological terms. In B. F. Skinner (Ed.), *Cumulative record: a selection of papers* (2<sup>a</sup> ed., pp. 272-286). New York: Appleton-Century-Crofts (Original published in 1945).

Skinner, B. F. (1961d). What is psychotic behavior? In B. F. Skinner (Ed.). *Cumulative record: a selection of papers* (2<sup>a</sup> ed., pp. 202- 219). New York: Appleton-Century-Crofts (Original published in 1956).

Skinner, B. F. (1969). Behaviorism at fifty. In B. F. Skinner (Ed.). *Contingencies of reinforcement: a theoretical analysis* (pp. 221-268). New York: Appleton-Century-Crofts. (Original published in 1963)

Skinner, B. F. (1974). *About behaviorism*. New York: Alfred A. Knopf.

Skinner, B. F. (1979). *The shaping of a behaviorist: part two of an autobiography*. New York: Alfred A. Knopf.

Skinner, B. F. (2003). *Ciência e Comportamento Humano*. Trad. João Carlos Todorov, Rodolfo Azzy, 11. ed. São Paulo: Martins Fontes. (Original published in 1953)

Tonneau, F. (2005). Antirealist arguments in behavior analysis. *Behavior and philosophy*, 3, 55-65.

## BEHAVIORISMO RADICAL E REALISMO SERÃO MESMO INCOMPATÍVEIS? EXAMINANDO A VIABILIDADE DE UMA PROPOSTA REALISTA

Tourinho, E. Z. (1994). A noção pragmatista de conhecimento e a noção skinneriana de conhecimento de si mesmo. *Acta Comportamentalia*, 2 (2), 219-232.

Tourinho, E. Z. (2003). A produção de Conhecimento em Psicologia: a Análise do Comportamento. *Psicologia Ciência e Profissão*, 23 (2), 30-41.

Zilio, D. (2010). *A Natureza Comportamental da Mente: behaviorismo radical e filosofia da mente*. São Paulo: Cultura Acadêmica.

Zilio, D. (2012). Relacionismo Substancial: A Ontologia do Comportamento à Luz do Behaviorismo Radical. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28, 109-118.

### Notas de Rodapé

---

<sup>1</sup> O Realismo é um tópico controverso, são numerosas as suas variantes, além do quê, essa doutrina se desdobra em duas dimensões, uma epistêmica e outra metafísica, ou simplesmente ontológica. Aqui, nos interessará, sobretudo, o realismo em sua acepção ontológica. Em linhas gerais, podemos dizer que assumir uma perspectiva realista em relação a alguma entidade pode ser, de forma elementar, caracterizado como a consideração de que tal entidade é, ao menos em algum nível, ontologicamente independente. Em outros termos, que não é uma ficção mental ou uma ideia-na-mente. Qualquer acréscimo pouco cuidadoso pode correr o risco de extrapolar a caracterização do realismo enquanto tese ontológica.

<sup>2</sup> Para um melhor entendimento desse texto, os termos dualismo e mentalismo (e conseqüentemente antidualismo e antimentalismo) devem ser entendidos como permutáveis ou como co-implicáveis.

<sup>3</sup> Este trecho não apenas expressa a rejeição do dualismo pelo behaviorismo radical como também fornece um indício importante aos objetivos desse trabalho: o de que parece se decorrer de modo espontâneo por parte de behavioristas radicais a inferência de uma ontologia monista.

<sup>4</sup> Percebe-se aqui, uma oposição mais ou menos implícita ao aspecto epistemológico do realismo através da crítica ao representacionismo. Cabe porém ressaltar que a noção de representação não é essencial ao realismo, sobretudo enquanto doutrina ontológica.

<sup>5</sup> O conceito de “representação exata” seria um modo sutil de falar de cópia mental, arcaica hipótese do realismo direto, sendo uma versão mais rudimentar do que a do representacionismo indireto. É portanto uma noção estranha às modalidades mais sofisticadas de realismo crítico. Centrar a crítica nas teses e versões mais fracas e arcaicas de uma ideia quando se pretende fazer prevalecer outra em detrimento daquela, não parece ser boa estratégia argumentativa, resumindo-se muitas vezes em tentativas de refutar simplismos. Vale acrescentar que a filosofia de Rorty é melhor caracterizada como neopragmatismo, havendo defesas por exemplo em Haack (1995, 1997) e Pogrebinschi (2005) de que há uma descontinuidade entre o neopragmatismo e o pragmatismo, sendo portanto, doutrinas distintas.

<sup>6</sup> Diz Skinner (1993) que; “O behaviorismo metodológico e algumas versões do positivismo lógico excluam os acontecimentos privados porque não era possível um acordo público acerca de sua validade.” (p. 18). Zílio (2010) sustenta que; “Não é errado (...) defender que o âmago da distinção entre behaviorismo radical e behaviorismo metodológico está no fato de que o primeiro não deixa nenhum fenômeno comportamental de fora de sua análise, mesmo que esse fenômeno seja observável apenas ao ser que se comporta” (p. 242). Assim, o que melhor marca a ruptura entre o behaviorismo radical e metodológico é, pois, a rejeição ao critério positivista de observação pública enquanto norma de validação do que propriamente uma rejeição ao realismo.

<sup>7</sup> Em contraponto ao sentido mais subjetivista da noção de experiência dada pelo pragmatismo jamesiano, temos em conta aqui o método pragmatista tal como Peirce (1931-1958), seu pioneiro, o pensou (e que é sem dúvida mais condizente com a práxis científica no âmbito da análise do comportamento). Portanto, por “experiência”, é imperativo que se entenda no sentido de “atividade metodologicamente controlada”, sentido esse, mais adequado ao que diz respeito ao “teste” das proposições científicas, ou, as que de um modo geral, concorrem para



## BEHAVIORISMO RADICAL E REALISMO SERÃO MESMO INCOMPATÍVEIS? EXAMINANDO A VIABILIDADE DE UMA PROPOSTA REALISTA

---

o status de “crença verdadeira”, tipo esse de crença, que segundo Peirce, seria o fim dos empreendimentos científicos.

<sup>8</sup> Bertrand Russell (1966) enfatiza a confusão entre pragmatistas em relação à definição de verdade e o critério de verdade. A primeira possui um conteúdo metafísico; diz respeito ao que torna algo verdadeiro ou para ser mais preciso, o que torna uma proposição verdadeira, o segundo refere-se aos meios pelos quais podemos (se é que podemos) conhecer uma proposição verdadeira. Portanto, possui um componente epistemológico. Trata-se portanto de uma confusão entre o que existe com os meios que usamos para conhecê-lo. Ainda quanto ao papel metafísico de definir o que é verdade, este parece caber melhor a teoria correspondencial da verdade segundo a qual a verdade de um enunciado é a sua correspondência com a realidade, ou estado de coisas. Vale porem ressaltar uma exceção para uma variação da teoria correspondencial em que a verdade é uma correspondência entre tipos de convenções linguísticas. Em linhas gerais, pode-se dizer que as teorias correspondenciais se outorgam o papel de dizer em que condições um enunciado é verdadeiro.

<sup>9</sup> É interessante mencionar que Putnam (1995) (citado por Marr, 2003) alega que James sustentava um realismo direto, isso por descartar o representacionismo enquanto mediador da experiência com a realidade. Se não há mediação entre experiência e realidade, resta, portanto, um realismo direto. Dito isto, vale ressaltar que rejeitar o representacionismo não significa rejeitar o realismo. Além disso, segundo Pogrebinschi (2005) “se o conceito de verdade do pragmatismo difere daquele do realismo, isso não quer dizer que a teoria pragmatista como um todo seja anti-realista.” (p. 129). Lembrando que nesse caso, o “conceito de verdade do pragmatismo” mencionado pela autora, refere-se apenas ao de alguns pragmatistas, normalmente, aqueles mais ligados à James.

<sup>10</sup> Além do pragmatismo poder ser compreendido como realista, como assegura Pogrebinschi (2005), podemos mencionar no que diz respeito ao realismo, o realismo interno de Hillary Putnam (1987, 1990), também conhecido como realismo pragmático e o naturalismo de Quine, que de acordo com Nascimento (2008) é também um realismo pragmatista entre outros exemplos. Ignorar essa pluralidade, bem como os diferentes estatutos (metafísico, epistemológico, metodológico) do pragmatismo e do realismo conduz à distinções superficiais e indevidas.

<sup>11</sup> De acordo com Lopes (2007); “admite-se que tanto a interpretação fisicalista, quanto a pragmatista são plausíveis” (p. 98), embora seja importante lembrar que uma interpretação pragmatista também pode ser realista. Em linhas gerais, pode-se dizer que a obra de Skinner possibilita interpretações realistas (Tonneau, 2005).

<sup>12</sup> A referência aqui é ao fisicalismo (ou materialismo) em sua acepção ontológica, nesse sentido empregamos o termo como sinônimo de monismo fisicalista, a saber, a tese de que a única substância, o único mundo existente, é o físico. Vale ressaltar que apesar de aqui se conceber o comportamento como evento físico, não se pretende que este não deva possuir um nível de descrição próprio, pois a admissão de que tudo o que existe no mundo é de natureza física não precisa culminar na admissão de que tudo o que existe deve ser descrito na linguagem da ciência física.

<sup>13</sup> Conforme Lopes (2007) “a defesa de um conceito fisicalista de estímulo (...) geralmente culmina na defesa do Realismo” (p. 98).

<sup>14</sup> A princípio, o que parece é que a relação entre realismo e fisicalismo é de necessidade e suficiência, logo, a admissão de um acarretaria na admissão do outro e vice-versa. Contudo, o realismo abrange um campo mais amplo que o do fisicalismo. Pode-se assumir, por exemplo, um realismo quanto aos universais, sem no entanto admitir que tais entidades sejam constituídas de substância física. Nesse sentido, o realismo representaria uma condição básica de existência, sendo portanto, essencial a qualquer forma de ontologia. Feitas essas considerações, a partir desse ponto quando se empregar nesse texto o termo “fisicalismo” se estará designando uma tese ontológica realista, um tipo de realismo.

<sup>15</sup> Abordar o fisicalismo em pormenores, delineando sua tese fundamental juntamente a suas teses periféricas é um empreendimento que extrapola o espaço desse texto. Para uma caracterização mais completa e sistemática do fisicalismo, sugerimos Crook, S. e Gillett, C. (2001), Kim (2005) e Zilio (2010, 2012).

**Os autores:**

## BEHAVIORISMO RADICAL E REALISMO SERÃO MESMO INCOMPATÍVEIS? EXAMINANDO A VIABILIDADE DE UMA PROPOSTA REALISTA

---

**Marcus Vinícius Matos Escobar** é graduando em Psicologia na Faculdade de Saúde Ibituruna. E.mail: [marcusvinicius.orion@hotmail.com](mailto:marcusvinicius.orion@hotmail.com)

**Leonardo Lana de Carvalho**, professor adjunto na Faculdade Interdisciplinar em Humanidades, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Campus JK, Diamantina, MG, Rodovia MGT 367, Km 583, n° 5000, CEP 39100000, e.mail: [lanadecarvalholeonardo@gmail.com](mailto:lanadecarvalholeonardo@gmail.com)